

Organização:
Elane da Silva Barbosa

 **versos,
& Anversos
& Antiversos**
ISSN: 2675-4975



Edição Especial
Sobre Vida, Poesia & Saúde

Ano 3 · nº 4

Acesse em:
geplat.com/versos

20
22

EXPEDIENTE

Versos, Anversos & Antiversos
GEPLAT Edições
Ano 3 – Número 04 – 2022
Edição Especial Sobre Vida, Poesia e Saúde
Elane da Silva Barbosa (org.)
ISSN: 2675-4975
Endereço eletrônico: www.geplat.com/versos

Capa e projeto gráfico: Wilton Silva - @guiawilton.silva

EQUIPE EDITORIAL

Jean Henrique Costa - Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Dr. em Ciências Sociais (UFRN);

Raoni Borges Barbosa - Pesquisador Bolsista DCR-CNPq/FAPEPI (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí). Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Jeanemeire Eufrásio da Silva - Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN);

Lázaro Fabrício de França Souza - Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFERSA. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN;

Francisco Wilton da Silva Júnior - Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN);

Stamberg José da Silva Júnior - Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina;

Paulo Sérgio Raposo da Silva - Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN;

Elane da Silva Barbosa - Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Professora substituta do curso de Medicina da UERN;

Dr. Thadeu de Sousa Brandão - Universidade Federal Rural do Semiárido (*in memoriam*).

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| <i>Elane da Silva Barbosa</i> SOBRE VIDA, POESIA E SAÚDE | 05 |
| <i>Leonardo Matoso</i> A CORAGEM QUE NUNCA TIVE | 08 |
| <i>Leonardo Matoso</i> OS OLHOS QUE NINGUÉM VÊ | 11 |
| <i>Leonardo Matoso</i> SEM DESPEDIDAS | 13 |
| <i>Renato dos Santos</i> A DOR DO AMOR | 14 |
| <i>Renato dos Santos</i> MORRER PELA BOCA | 16 |
| <i>Helder Matheus Alves Fernandes & Elane da Silva Barbosa</i> O DESCONHECIDO DENTRO DE SI | 17 |
| <i>Helder Matheus Alves Fernandes</i> O FRACASSO DA DIETÉTICA | 18 |
| <i>Helder Matheus Alves Fernandes</i> SOBRE AUTO (DES)NUTRIÇÃO | 19 |
| <i>Helder Matheus Alves Fernandes</i> INEXISÊNCIA DO NUTRIR-SE | 20 |

| | |
|---|------------------|
| <i>Elane da Silva Barbosa; Márcia Jaíne Campelo Chaves & Helder Matheus Alves Fernandes</i> <i>SOBRE SAÚDE-DOENÇA: A VIDA EM AÇÃO</i> | <i>21</i> |
| <i>Vitória Evelyn Rodrigues de Andrade</i> <i>SUS: ILHA EM DIAS DE CHUVA</i> | <i>23</i> |
| <i>Amanda Pereira Dantas; Beatriz Barros Guimarães; Bruna Karoline Lazzarotto Duarte; Carolina Fernanda dos Santos; Gabrielly Moreira Façanha & Elane da Silva Barbosa</i> <i>PARÓDIA SOBRE A UNIVERSALIDADE</i> | <i>24</i> |
| <i>Bruno Brandão Teixeira Coelho; Douglas Galvão de Oliveira; Aline Arruda Silva; Thales Coelho da Silva Gamelich & Elane da Silva Barbosa</i> <i>EQUIDADE NA REALIDADE</i> | <i>26</i> |
| <i>Amanda Barbosa Pinheiro; Ana Beatriz Santana Silva; Carolina de Lima Bruno; Raul Victor Caetano Leite & Elane da Silva Barbosa</i> <i>A PINTURA E A SAÚDE COLETIVA: ALGUMAS NOTAS REFLEXIVAS</i> | <i>27</i> |
| <i>Vitória Evelyn Rodrigues de Andrade</i> <i>VISITA DOMICILIAR</i> | <i>30</i> |
| <i>Elane da Silva Barbosa</i> <i>APRENDER PARA ENSINAR</i> | <i>31</i> |
| <i>Thiago Gurgel Regis; Ana Carolina Alves de Oliveira; Renata Paula de Sousa Azevedo Henriques; Ana Luiza Cardoso Pereira Matoso; Isaac de Moura Dantas; João Lucas Filgueira Nogueira; Lilianny Mirelly Bezerra Alves & Ronaldo Adão da Silva Filho</i> <i>FITO EM CORDEL</i> | <i>33</i> |
| <i>Erialdo Rebouças</i> <i>EPOPÉIA DO CÁ PRA LÁ</i> | <i>35</i> |

SOBRE VIDA, POESIA E SAÚDE

*Elane da Silva Barbosa*¹

Rubem Alves (2002), em seu livro de crônicas intitulado *O médico*, discorre que a Medicina – reflexão essa que, aqui, tomamos a liberdade de estender a todos os profissionais da área da saúde - vem perdendo a sua dimensão humanística. O profissional de saúde passou, portanto, a ser um mero executor de tarefas: alguém que realiza procedimentos, aplica teorias, planeja intervenções. Deixou de ser alguém que escuta, que acolhe, que vê o outro na sua integralidade humana.

Claro que esse panorama que encontramos na área da saúde deve-se muito ao próprio contexto no qual, como humanidade, estamos inseridos. De mercantilização da vida e das relações, aliás de “tempos líquidos”, como diz Zygmunt Bauman (2004), em que nada é feito para durar: nem as coisas, tampouco as relações interpessoais. O outro passou a ser um produto que deve nos satisfazer, se não nos satisfaz, não serve mais, deve ser descartado e outro “produto” deve ser adquirido. No entanto, mesmo entendendo que se configura numa problemática complexa e complicada, acredito que refletir sobre essa temática e engendrar estratégias de enfrentamento se faz necessário. Serei mais audaciosa em propor que o caminho para a transformação dessa realidade passa pela valorização da poesia da vida.

Edgar Morin (2010) declara que o amor, a poesia e a sabedoria são três elementos constituintes da vida humana e, por mais que às vezes tenhamos dificuldade de reconhecer, ambos se encontram intrínseca e indissociavelmente vinculados. O amor só existe a partir de um contínuo estado de regeneração de si mesmo e nos conduz a uma visão poética da vida. A poesia, por sua vez, mais do que um tipo de produção artística e/ou literária, trata-se de um modo de vida, marcado pelo encantamento, pela ebulição de sentimentos e sensações, pela comunhão e pelo amor. A sabedoria, mais do que um ideal filosófico, consiste na possibilidade de tornar o conhecimento tão presente, ao ponto dele conseguir transformar para

¹ Bacharela e Licenciada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestre e Doutora em Educação, respectivamente, pela UERN e pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Gerente Executiva de Educação em Saúde, na Secretaria Municipal de Saúde de Mossoró/RN. Professora substituta do curso de Medicina da UERN. E-mail: elanebarbosa@uern.br

melhor a vida de quem o usa, fomentando condições pertinentes para a vivência do amor e a existência da poesia e, por conseguinte, quanto mais se ama a si mesmo, ao outro, ao mundo, mais se tem poesia e mais se adquire sabedoria.

Especificamente, voltando-nos para a dimensão poética, de que trata Morin (2010), em *Amor, poesia, sabedoria*, entendemos que a vida necessita de poesia e prosa, isto é, a vida é, ao mesmo tempo, poética e prosaica. A vida precisa de leveza, beleza, subjetividade, arte, música, literatura, do que é feito sem obrigação, por deleite, gozo, prazer; assim como necessita, igualmente, das tarefas quotidianas, do trabalho, do que se repete, das obrigações. Poesia e prosa, diferentemente do que possamos cogitar, são complementares: precisamos da poesia para não nos endurecermos com a prosa quotidiana, da mesma forma que precisamos da prosa para que possamos nos sensibilizar com a poesia.

Fico pensando que, na área da saúde, em grande parte das situações, atuamos na prosa, pela prosa e com a prosa. Parece, inclusive, que essa prosa sufoca a poesia. Temo pelo dia que nós, como profissionais de saúde, vamos padecer pelo déficit de afetos, cuidado e vínculos. É obvio que lidar com a dor do outro, com a iminência da morte, deparar-se com o sujeito doente, um dos maiores momentos de vulnerabilidade da vida humana – quicá o maior – não se trata de tarefa fácil, no entanto, como diz Morin (2010), é impossível viver apenas de prosa. Apenas uma linha após a outra. Um parágrafo após o outro. Uma página seguida de outra. Somente os conhecimentos técnico-científicos... Apenas os diagnósticos nosológicos... Enfim, apenas a dureza da vida não nos sustenta como humanos. Ousaria mencionar que, na área da saúde, muitas vezes, estamos experienciando o pior tipo de morte que pode acometer um ser humano: a morte em vida. Coração pulsa. Há transmissão de impulsos nervosos. Funções vitais presentes. Mas o coração se torna incapaz de ser empático. Os olhos não brilham mais. As emoções foram silenciadas. O sorriso se apagou.

Por isso, precisamos de poesia na área da saúde. O coração que volta a pulsar depois de Reanimação Cardiopulmonar (RCP)... O choro do recém-nascido ao conhecer esse mundo... Ou até mesmo a partida de alguém que conseguiu nos últimos dias de vida entender o papel da morte e a beleza da vida... Ou ainda a administração de um medicamento que alivia a dor, ou cessa o incomodo... Ou quem

sabe, a prática de educação em saúde em cada consulta... Tudo isso é poesia. Tudo isso faz parte da dimensão poética da vida do profissional de saúde.

Nesse contexto, organizamos essa edição especial do periódico *Versos, Anversos & Antiversos*, reunindo diversas produções (poemas, crônicas, literatura de cordel, leituras imagéticas e paródia) que abordam, de forma poética e sensível, assuntos relacionados ao campo da saúde. Os temas enfocados são diversos. Vão desde o autoconhecimento como forma de cuidar de si mesmo, transitando pela saúde da população de rua e uma reflexão sobre a ressignificação da dor. Continua na percepção do sujeito sobre o diagnóstico do câncer, seu processo de recuperação e a finitude da vida. É enfocada, ainda, uma concepção ampliada acerca da saúde e da doença e, em seguida, são abordados princípios que fundamentam o Sistema Único de Saúde (SUS). Busca-se, ainda, entender que saúde se faz com a prevenção e com distintas estratégias de cuidado. Trata-se também da pertinência da educação em saúde, sob o prisma da valorização dos saberes populares, em particular no que diz respeito a preservação da vida no trânsito e a utilização de plantas medicinais.

Desejamos que, a cada leitura, mais do que a decodificação de símbolos linguísticos, de letras e de palavras, mais do que a interpretação textual, aconteça uma (re)interpretação da saúde-doença, uma leitura subjetiva da vida, uma ressignificação da poesia da vida, de modo que nos permita (re)pensar a relação entre vida, poesia e saúde.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O médico**. Rio de Janeiro: Papyrus, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

A CORAGEM QUE NUNCA TIVE

*Leonardo Matoso*²

QUANDO RECEBI o convite da organizadora deste número para publicar um dos meus escritos na edição especial da Versos, Anversos & Antiversos, estava no término das minhas correções do trabalho final do curso de Jornalismo. Uma dissertação que escrevo na perspectiva da escrevivência, sobre o encarceramento anal e o machismo. Um assunto interseccional que me atravessa de uma ponta a outra. Por alguns minutos, enquanto apreciava o convite, meu ego foi inflacionado, como se estivesse diante de um prêmio literário ou de um site de compras, onde via outras pessoas lendo minhas histórias. Já me via sendo convidado para falar sobre a escrita nos telejornais e rádios. Me imaginei ao lado da incrível Rita Von Hunty, discutindo machismo, teorias queer, analidades, sexualidade..., mas a memória dos minorizados logo me atacou, apagando qualquer complacência e me colocando no papel de vulnerável, no qual exerço muito bem, há três décadas.

O convite para essa crônica se uniu com a minha recente escrita monográfica, ao passo que me motivou para algo que nunca fiz antes: falar sobre mim, coisa que nunca fiz “publicamente”. A fala é um instrumento de nascença, todos nós a temos, mas é um privilégio destinado a poucos. Então tive a ideia de narrar algo que me incomodava há alguns anos, talvez sirva como uma catarse pedagógica. Hoje falo sobre a simbólica e fatídica coragem que me dão quando deixo escapar meu percurso de vida. Pode até ser contraditório, falar sobre a coragem que as pessoas me atribuem por ser eu mesmo, depois de me terem feito carregar o peso da exclusão e da vergonha por toda a minha infância e adolescência.

Minha persona se construiu como um homem branco, cis, gay, recém completado 30 anos, aficionado por *boardgames*, livros de terror, jogos de videogame, músicas indie/folk, poesias e sorvete de morango. Fui planejado em laboratório e parido por uma mulher branca, cis, bi e assistente social. Fruto de uma

² Psicanalista, Enfermeiro, Jornalista e Terapeuta Holístico. Reside em Mossoró (RN) e considera-se leitor voraz de ficção científica, terror e fantasia. Iniciou a criação de seus contos ainda criança, para se refugiar do bullying. Quando não está trabalhando, escreve histórias e publica no seu Website ou Instagram (@matoso.lml). É autor dos livros *Contos Sobre-Humanos* e *Do Outro Lado da Varanda*, ambos publicados pela Amazon.

relação amorosa conturbada, mas sincera, com um homem branco, cis, hétero e servidor público do estado – meu pai. Tenho uma irmã mais velha, um sobrinho recém-nascido e um namorado há oito anos, no qual chamo de “mozi” quando ninguém está por perto. Meus pais são divorciados, mas vivem em uma invejosa comunhão nos moldes antagônicos do sistema patriarcal-capitalista.

Essas são as principais pessoas da minha vida e eu temo por elas, assim como temo por mim mesmo. O privilégio de escrever numa interseccionalidade entre saúde e arte é semelhante a entregar um copo de cachaça a um paciente com cirrose hepática. Isso porque ao mesmo tempo que falo de mim, em uma revista nacional, pública, negam meus direitos fundamentais em nome da natureza, nação e religião. Por diversas vezes me chamaram de corajoso e atrevido, já ouvi de uma professora que eu precisava ser mais político nas palavras, senão morreria. Não foi uma ameaça, mas uma informação de quem assim como eu, pertencia a dissidência social. Me intitulam como corajoso quando, ao mesmo tempo, me negam o direito de andar de mãos dadas com meu namorado ou beijá-lo em via pública. E até mesmo vestir um short curto e camiseta regata colorida sem ter minha masculinidade questionada, como se essa, tivesse algum *link* com a orientação sexual. Me chamaram por vezes de corajoso quando contei, a contragosto, como foi ter minha sexualidade exposta. Mesmo informando que me arrancaram do armário e enfiaram goela abaixo que eu deveria ser rotulado, dali em diante, como o “gay do ensino médio” ou da “faculdade de enfermagem” ou da rua ou de qualquer outro espaço que habitava.

Então pergunto: vocês não sentem vergonha de ficarem observando minha “coragem” como psicopatas frente a um espetáculo de sofrimento? Vocês nunca vão se cansar de alterizar os dissidentes para poder nos transformar em vocês mesmos? Vocês me atribuem coragem, imagino, porque tive uma adolescência interrompida e não cometi suicídio quando adulto, já que tenho 21,5% de chances de me matar, só porque sou gay. Vocês me atribuem coragem porque lutei em vários momentos por direitos, como a redução nas taxas das passagens de transporte público, pelo fim das queimadas, nas eleições contra Bolsonaro, nos atos da Marielle Franco e Mariana Ferrer. Vocês me chamam de corajoso porque fui contra posturas arbitrárias e discriminatórias... fui contra as injustiças, ao mesmo tempo que era chamado de bicha, viado, doente, idiota, nojento, e tantas outras ofensas que não me marcavam

mais, porque não havia espaço. O bullying da infância já tinha preenchido essas lacunas.

Me chamam de corajoso porque escrevo histórias de pessoas em situação de rua, fotografo-as e não tenho medo de olhá-las nos olhos. Sou tido como corajoso porque discuto política, traição, sexo e gozo. Porque falo, de peito aberto e bem à vontade, sobre a vida. O que vocês não entendem é que esse é todo o meu mundo. Essa é a minha vida e não a vivi com coragem, mas com entusiasmo e medo. As pessoas que falam que sou corajoso não querem saber disso. Elas preferem um pseudo-acalento sobre minha história só para garantirem que eu tenha mais coragem, pois em nosso regime social, antidemocrata, político sexual, fascista e farmacopornográfico, é mais fácil negar a diferença sexual e punir os dissidentes. É o equivalente a negar que a terra é redonda ou que vacinas salvam. Vocês me atribuem o papel de corajoso como atribuíram a Marielle Franco, a Eliel Ferreira Cavalcanti, Paulo Vaz, Lucas Santos, Wellington Henrique Cirino Cardoso, Luís Carlos Araújo, Patrícia (Antônio Silvestre de Freitas Silva), Oséias Alves, Dandara dos Santos e tantos outros já velados, chorados e sepultados... que foram assassinados em decorrência do sistema.

Ser corajoso me cansa, então eu falo, como nunca falei antes: guardem a coragem para vocês. Não quero ouvir de ninguém que tenho coragem. Peguem-na para suas vidas cheias de graça. Para seus casamentos falidos. Seus divórcios em decorrência de infidelidades e mentiras. Seus roubos organizacionais. Suas famílias cheias de herança. Guardem a coragem que for necessária para manter a normatividade hegemônica. Não quero mais ouvir. E quando me falarem isso, retrucarei mandando-os calarem a boca. Direi que em mim, habita apenas um corpo complexo e cheio de sentir. Não quero mais o acoplamento da coragem e não desejo que ninguém a tenha. Ter coragem é continuar fabricando e alimentando identidades repetitivas. Quero que o mundo perca a determinação de continuar acreditando que seus papéis são verdadeiros, reais... e quando o mundo tiver perdido toda coragem, quando estiver louco, em pura ânsia, quero que reinventem novos e frágeis papéis para seus corpos vulneráveis. Porque a revolução só é possível através da fragilidade.

OS OLHOS QUE NINGUÉM VÊ

Leonardo Matoso



Foto: Leonardo Matoso

VOCÊ PODERIA DESCREVER os olhos da pessoa que você mais ama? Qual a cor? Como é seu brilho? Que aspecto emana? Talvez você consiga parando um pouco e puxando lá no fundo da memória detalhes incompletos para poder montar os olhos da pessoa que tanto ama. Agora me diz uma coisa: você já reparou nos olhos das Pessoas em Situação de Rua? Acredito que não, afinal de contas, ninguém repara no que é invisível.

As pessoas que vivem na rua, em sua unanimidade, possuem pupilas opacas, escleras amareladas e covas decaídas. Assim como as covas, seus ombros são para dentro, rebaixados, como se estivessem carregando o peso do mundo, o peso da culpa. E talvez estejam. Esculpem a imagem de uma infelicidade crônica, venenosa e que mata devagar. Têm olhos de seca, vulneráveis, olhos assassinados. Porque os olhos são os primeiros a morrer. E as ruas estão cheias de pessoas mortas. Refugiadas da guerra. Vítimas da COVID-19. Distanciada dos seus agressores.

Negligenciadas pelo Poder Público. Pessoas à mercê do tempo, da violência e da miséria.

De face fechada e arquetada pela desconfiança do mundo, conheci Mario Soneca em uma de minhas andanças pela cidade. De súbito, seus olhos me chamaram atenção. Os olhos de Soneca, como costuma ser chamado, falavam, mais que isso, pediam socorro. Soneca não quis falar muito, projetou ao seu redor uma armadura rígida, impenetrável. Era grosseiro, impaciente e debochado. Fato este que me ocultou sua idade e nome completo, "é apenas Soneca, como um dos sete anões e quando estou de bom-humor é o Mario. Hoje não estou de bom-humor".

Durante o dia Mario Soneca dorme na Praça Bento Praxedes, em Mossoró, no Rio Grande do Norte (RN). Pela noite, conduzido por uma força avassaladora e quase sobre-humana, percorre as vielas e logradouros em busca de álcool, maconha e crack. Começou a usar drogas não sabe quando, mas confessa que perdeu todos que amava. Que perdeu a si mesmo. Com feições tristes balbucia sobre o vício: "[...] essa porra acabou comigo. Todo mundo me amava. Quando comecei a usar crack essa droga infeliz acabou comigo. Ela me domina, nem a COVID-19 me fez largar".

Assim como todos nós, Soneca tem um sonho: "[...] sair das ruas e deixar de usar crack". Ele não quer muito, não é exigente com o mundo e entende a situação das coisas. Os olhos de Soneca pedem lar, amor, suplicam por uma chance de voltar a viver de forma digna e visível. Na tradição Budista dizem que os olhos falam, que são as janelas da alma. Me preocupa muito acreditar nisso, porque se eu acreditar, diria que a alma de Soneca está perdida. Há muito tempo foi embora. Os olhos dele não têm vida e me constata isso quando diz que morreu quando passou a usar crack: "[...] hoje eu não sou eu, e estou morto há muito tempo".

Você pode se perguntar porque não fotografei os olhos de Soneca, porque preferi o expor dormindo, desse modo. Bem, ele é o Soneca e como tal, merece ser fotografado da forma que preferir. Sobre seus olhos, é simples, eu não posso fazer isso. Não me cabe essa captura. Se quer olhar nos olhos dele, sabe onde está. Sabe um pouco da sua história e dos seus desejos. Sabe que assim como ele, há outros olhos que trafegam pelas ruas do Brasil, invisíveis, tristes, sem esperança. Mas acredite quando digo: os olhos falam e os dele, dizem tudo.

SEM DESPEDIDAS

Leonardo Matoso

Na gravidade dos cílios
repuxam-se lágrimas
as pálpebras cerram
cessa-se a respiração
a morte começa
o tum-tá
perde o compasso
assistolia.

E a gente nem
consegue
dizer adeus.

Um suspiro.

Último sopro.

Tecido frágil que se rasga.

Amor?

Adeus!

A DOR DO AMOR

Renato dos Santos³

Quanto dói uma dor de amor? Será que o coração dói? Será que o amor corrói?

Certo dia, em uma aula de biologia, um sofrimento genuíno do amor adolescente entristeceu minha quase tarde. Um pranto “aborrecente” interrompeu aqueles minutos dedicados ao “estudo da vida”. E então surge uma questão, do ponto de vista lógico, que não teria nada a ver com a disciplina, mas afetivamente muito importante. Eis, então, que a pergunta foi desferida: o coração dói?

Quem nunca amou dirá que não; quem estudou explicará as enzimas, a fisiologia e a físico-química da situação, mas só quem já sofreu por amor sabe a dor deste peito que não é meu, mas me recorda duras temporadas de sofrer. Posso dizer, minha cara, que já tive o peito estilhaçado, massacrado e este moribundo doía infamemente, me tirava o sono, a fome, a alegria e a concentração.

Porém, aprendi que “vida que segue” e o mundo não para. Junte seus cacos e remonte seu eu. Parece duro? A mim pareceu, porém não foram eu e nem você os primeiros a sofrer deste mal. Todo mel tem seu fel e, a não ser que tenha diabetes, posso afirmar: toda ferida cicatriza e cura. Deixa marcas, mas para de doer.

A vida é cruel, não quer saber de nada, é completamente impessoal e imparcial e bate com força, ensina com sofrimento a dar valor ao que ainda teremos. Nada vem de graça, pode guardar isso, e tenha certeza que um dia farás igual com alguém e causará a este o mesmo sofrimento que sentiu e não sentirá remorsos. É a lei do retorno, porém, não devolvemos a quem nos fez sofrer, mas a quem é inocente e nos ama mais do que tudo, muitas vezes.

Chore, sofra, sinta. Viva sua dor, ninguém pode fazer isso por você. E, quando cansar de chorar, perdoe e perdoe-se; siga em frente, guarde o aprendizado, ria do passado e deixe as mágoas para traz junto com a dor que sentiu.

Só conhece a dor do amor quem amou. Só se ama plenamente quando se é capaz de perdoar e só vive a vida quem se arrisca a amar, perdoar e superar a dor

³ É graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário do Vale do Jaguaribe (UNIVJ). Atua como enfermeiro assistencial no Hospital São Camilo, de Limoeiro do Norte. E-mail: reisaac09@hotmail.com.

de um desamor. Quem nos ama também nos machuca de vez em quando. Se amar fosse fácil não teria graça alguma e seríamos...

MORRER PELA BOCA

Helder Matheus Alves Fernandes⁴

Navegando pela imensidão da minha angústia,
Em que encontrava as minhas dificuldades,
As dificuldades de não compreender mais a minha ingestão,
A ingestão da dor ao me alimentar durante aquele tempo,
Do tempo em que não havia mais...

O tempo que parecia parado, silenciado, hermético e incompreensível
Não voltava mais, não era como antes,
Antes de surgir essa doença tão pouco entendida,
Mas para a ciência era definida como maligna, sem cura, autodestrutiva,
Me destruindo por fora e dentro,
Aquele doença que pouco tinha expectativa de vida,
Mas me matava lentamente até não ter mais vida.

A inexistência dessa ingestão doía a partir da boca,
Seca, com feridas e anoréxica
Causando dor e autodestruição já na chegada,
Atrapalhava a libertação com os alimentos,
Que tampouco era escassa devido a passagem da sonda,
Da sonda que não existia mais, devido o falecimento da boca.

⁴Nutricionista Residente em Oncologia pelo Instituto do Câncer do Ceará (ICC), em Fortaleza-Ceará.
Pós-Graduado em Nutrição Clínica e Funcional pelo Instituto Inades. E-mail:
heldermatheus10@hotmail.com

O DESCONHECIDO DENTRO DE SI

*Helder Matheus Alves Fernandes
Elane da Silva Barbosa*

Criando raízes e se acumulando dentro do tempo,
Parecendo algo inocente, calmo, e sem muitos sofrimentos,
Mas com o tic-tac do tempo foram-se criando deformações
Que tampouco se conhecia,
Foram-se enraizando e formando algo desconhecido,
Que ao final do dia se torna conhecido e entra na rotina.

A permissão da entrada na vida se faz sem sentido,
Causando-lhe desespero, desamparo, tristeza e incerteza,
De algo que pode vir a destruir a vida
A mente,
O corpo,
A alma,
A origem,
O corpo que não te pertencia mais, e sim da luta desconhecida.

A passagem para a vida-desconhecida,
Alienou-se da inviabilização pelo outro,
O outro que não está nos momentos presentes e tratamento,
Aquele tratamento que ocasionou a morte do corpo,
Quando a vida se (des)conheceu perante o outro,
Nas situações do anticorpo versus o contratempo do corpo.

O FRACASSO DA DIETÉTICA

Helder Matheus Alves Fernandes

Tudo seria fácil se fosse possível seguir a dietética,
Mas a facilidade é inexistente e incompreensível,
O regime e higiene constantes de se manter puro corrói,
A erosão com esse contato provoca falhas inadvertidas,
Repetidas, incoerentes das regras da modernidade.

A abstinência recomendada fracassa constantemente,
O fruto que antes era permitido, se torna proibido e comido,
O desvelado fica inalcançável...
Por isso que a dieta seria a tentativa de ir além
Qual além?
A ultrapassagem do inimaginável...
Limitada
Finita
Será uma propriedade da condição humana?

O questionamento de erradicar todo o desamparo acontece,
O planejamento do conforto alimentar é prevalecido,
Comer-prazer se tornam coexistentes perante os outros e a si mesmo.

A sentença de morte que antes estava acontecida se torna prazerosa,
O prazer de romper o limite entre o corpo e a busca se tornam inimigos,
É feita de um modo que fica colocada a possibilidade,
De entrar em contato com o vírus, com o estranho, com o desconhecido.
O fracasso de explicar o controle se torna falho, a dietética desmorona
O romper com a dietética não seria finalmente humanizar o humano?

A arte de comer-prazer se torna uma arte de vida,
De viver do sofrimento
Do inesperado
Da coexistência entre dois mundos,
Que possibilitam a busca de algo que não se pode atingir,
Mas porque não seguir a dieta? A recomendação? A sonda?
Porque voraz ele ou ela não se saciam:
Do desejo do prazer.

O corpo sangra e sofre com essa loucura incompreensível,
Seria então essa forma de conter sua destrutividade?
A dietética fracassada
Imponente e acompanhada de sentimentos de deficiência, fragilidade e vazio.
Alguma expectativa de recompor o seu desejo-prazer?
Só resta dizer: - Olá, paliativismo...

SOBRE AUTO (DES) NUTRIÇÃO

Helder Matheus Alves Fernandes

Não tenho restrições sobre o comer-ingerir,
Posso comer o que eu quiser,
Esse quiser pode ser nada, tudo ou pouco,
Os extremos me permitem sentir,
Os sentimentos de alegria, felicidade e libertação,
De algo que não era permitido,
E também não era proibido.

O meu mundo nesses desejos é doce,
Às vezes também salgado e agridoce
E até mesmo azedo ou amargo,
Do amargo que você me impôs limites,
Já que essas cicatrizes me deixaram marcas,
Causando vômitos, dores, distorções e destruição,
Que sangrou e escorreu entre meus braços,
Me deixando tonta, sangrenta e despreparada.

Ao mesmo tempo era lindo e triste,
Já que eu me enxergava na situação
E percebia que não podia mais alcançar
Devido à imposição da limitação
Entre o físico e espiritual.

INEXISTÊNCIA DO NUTRIR-SE

Helder Matheus Alves Fernandes

Tua (in)existência é um vazio,
(In)suportável pela necessidade de querer,
O querer comer, alimentar-se, nutrir-se
Já que a tua ida pela passagem do desconhecido
É abismo, doloroso, agonizante e angustiante
Que de tanto te querer por perto para atender meus desejos,
Desmorona-se sobre minha realidade fracassada
Afetando-se eu e você do outro, dos outros,
Aqueles outros que não existem mais,
Devido ao desconhecido ter ganhado forma sobre meu corpo.
Uma forma enraizada sobre meu colo
Que foi recém diagnosticado
No útero
Naquele que dá a vida e hoje gera a morte.

SOBRE SAÚDE-DOENÇA: A VIDA EM AÇÃO

*Elane da Silva Barbosa
Márcia Jaíne Campelo Chaves⁵
Helder Matheus Alves Fernandes*

Falar de saúde é falar de doença
Falar de doença é falar de saúde
Gêmeas não são
Mas juntas sempre estão
E fazem da existência humana uma singular atração.

Saúde não é ausência de doença
É mais do que se pensa
Doença não é só o que dói
É mais do que isso
Aliás, é isso e aquilo
Aquilo que corrói.

Moradia, alimentação, nutrição
Lazer, bem estar, paixão
Cultura, espiritualidade, educação
Renda, subjetividade, socialização
Saúde é o que torna a vida em ação.

Claro que a dor no corpo incomoda
A fratura torna a vida ociosa
A febre traz preocupação
E tudo isso requer tratamento
E, claro, precisa de atenção.

Mas a dor da falta de emprego, renda e alimentação
Esse tipo de dor também traz muita aflição
E afeta imensamente o coração.

A ruptura das relações
O fervilhar das emoções
A negativa das sensações
Mexem com a cognição
E podem colocar a vida em paralisação.

Por isso, falar de doença está além do corpo físico

⁵ Enfermeira pela Faculdade do Vale do Jaguaribe - FVJ. Especialista em Saúde da Família pela UNILAB e em Educação à Distância: Fundamentos e Ferramentas pela UECE. Mestra em Educação pela UERN. Coordenadora de cursos da área da saúde da Escola Grau Técnico, em Mossoró/RN. E-mail: jainne.campelo@hotmail.com

Une biológico, social, espiritual e psíquico
Une casa, comida, salário e liberdade
Une respeito, dignidade, arte e diversidade
E, assim, saúde só se torna uma concretização
Quando une cidadão a cidadão
Em busca da vida em ação.

SUS: ILHA EM DIAS DE CHUVA

Vitória Evelyn Rodrigues de Andrade⁶



Foto: Vitória Evelyn Rodrigues de Andrade

Me vi pingando água
Eu que desde menina vivo de mormaço
Que tenho mãos de abano e não braços de amasso
Senti meus ossos doerem de frieza
Ainda que no molhado houvesse beleza.

Eu que desde menina vivo de peso e suor
Que até hoje vê semelhança no que é sol ou só
Não tive controle do corpo-nado
Do amasso-afago
E mesmo depois da segura, me vi pingando algo.

⁶ Psicóloga pela Universidade Potiguar (UnP). Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica/Saúde da Família e Comunidade da Prefeitura Municipal de Mossoró/RN e da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: vitoria_evelyn1999@hotmail.com

PARÓDIA SOBRE A UNIVERSALIDADE

Amanda Pereira Dantas⁷
Beatriz Barros Guimarães⁷
Bruna Karoline Lazzarotto Duarte⁷
Carolina Fernanda dos Santos⁷
Gabrielly Moreira Façanha⁷
Elane da Silva Barbosa

A paródia objetiva recriar uma obra artística, literária, musical, peça teatral, dentre outras, já existente, a partir de uma perspectiva satírica, irônica ou crítico-reflexiva. Em geral, a paródia vem sendo utilizada para discutir assuntos polêmicos, de forma mais leve e criativa.

Partindo da perspectiva de que ensinar e aprender trata-se de processo complexo e que se faz necessário engendrar estratégias mais lúdicas e interativas que propiciem a construção e o compartilhamento de saberes, de forma mais sensível e significativa, um grupo de alunas do curso de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), elaborou uma paródia musical para tratar da Universalidade, um dos princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde (SUS), o qual apregoa que o atendimento em saúde deve ocorrer para todos os sujeitos, independentemente da raça, condição socioeconômica, nível de escolaridade, etc.

A música escolhida para a paródia foi *Essa tal liberdade*, lançada no ano de 1994, tendo como compositores: Francisco Figueiredo Roque, Mihail Plopschi e Paulo Sergio Kostenbader Valle. Essa canção ganhou notoriedade quando foi gravada pelo cantor Alexandre Pires, então pertencente ao grupo *Só pra contrariar*.

⁷ Acadêmicos do 2º período do curso de Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FACS/UERN).

Preste atenção,/ /
No que eu vou falar agora./ É muito importante/
Não vai esquecer não./

O SUS é nosso, irmão/ de toda pessoa./
Sem nenhuma distinção,/ nem discriminação.

Não olha sua cor,/ nem seu salário não./
É dever do estado, e direito do cidadão/
Pode ser o que for/
Sem nenhuma exceção./ Saiba do seu direito, /
O SUS é nosso, irmão.

REFRÃO

Sem pagar nenhum tostão,/ eu vou me consultar,/ posso ir pra UBS/
Ou emergência./

Não importa meu salário,/ nem minha raça lá/
O pobre agora tem, acesso a saúde/ sem distinção/

Isso é um direito,/ de todo cidadão/ garantido pela/ constituição.

Estrangeiro ou brasileiro,/ não importa não/
Todos têm direito,/ sem exceção./

A reforma sanitária,/ veio para salvar/ ajudar o nosso sus,/ na sua criação,/

REFRÃO

Sem pagar nenhum tostão,/ eu vou me consultar,/ posso ir pra UBS/
Ou emergência./

Não importa meu salário,/ nem minha raça lá/
O pobre agora tem, acesso a saúde/ sem distinção/

O nome desse princípio,/ eu vou te contar/
Isso tudo é graças a universalização.

Defenda o SUS, irmão!

EQUIDADE NA REALIDADE⁸

Bruno Brandão Teixeira Coelho⁹
Douglas Galvão de Oliveira⁹
Aline Arruda Silva⁹
Thales Coelho da Silva Gamelich⁹
Elane da Silva Barbosa

Em meio a uma sociedade
Marcada pela exclusão
Surge o princípio de equidade
Dando esperança à população.

Idealizado em 1986 e regulamentado em 1990
O SUS foi uma grande evolução
De garantir o acesso integral, universal e gratuito à saúde
Dessa grande e sofrida nação.

Combater a desigualdade é o nosso foco
Queremos que todos sejam assistidos
Priorizar os que estão em maior vulnerabilidade
Com uma maior oferta de ações e serviços.

Mas vale a pena lembrar
Que equidade não é o mesmo que igualdade
Apesar de todos terem os mesmos direitos
É preciso levar em consideração os de maior necessidade.

Nós, como futuros médicos
Teremos uma grande missão
De fazer valer o que o SUS prega
Sob a ótica da Constituição
Levando saúde para toda a população.

⁸ Texto poético elaborado como atividade avaliativa do componente curricular *A Saúde Coletiva e a Vivência na Comunidade II*, ministrada no segundo período do curso de Graduação em Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), para tratar sobre um dos princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde (SUS), a equidade, que discorre sobre a necessidade de ofertar um atendimento em saúde diferenciado a cada sujeito, a partir das suas especificidades.

⁹ Acadêmicos do 2º período do curso de Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FACS/UERN). E-mail: brunobrandao@alu.uern.br

A PINTURA E A SAÚDE COLETIVA: ALGUMAS NOTAS REFLEXIVAS

*Amanda Barbosa Pinheiro*¹⁰

*Ana Beatriz Santana Silva*¹⁰

*Carolina de Lima Bruno*¹⁰

*Raul Victor Caetano Leite*¹⁰

Elane da Silva Barbosa



Figura: Bases do princípio da Integralidade na Peste Bubônica. Óleo sobre tela. Autoria de Ana Beatriz Santana Silva (2022).

A pintura se configura como uma das mais antigas manifestações artísticas da humanidade. Desde o período pré-histórico, há registros de pinturas nas paredes de cavernas, como forma de registrar e comunicar fatos do cotidiano. Entende-se, assim, que a pintura instiga à uma leitura imagética, isto é, a uma decodificação da imagem e, por conseguinte, interpretação acerca do que fora retratado.

A Saúde Coletiva se trata de uma área multidisciplinar, que envolve conhecimentos oriundos das áreas das Ciências Sociais e Humanas, bem como das Ciências da Saúde, com o foco de compreender como ocorre a saúde e a doença, ou melhor, entender que ambas se tratam de um processo, condicionado e determinado por diversos aspectos: biológicos, educacionais, culturais, econômicos, históricos,

¹⁰ Acadêmicos do 2º período do curso de Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FACS/UERN). E-mail: beatrizsantana@alu.uern.br

psicológicos e sociais e, portanto, há a necessidade de fomentar ações que visem não só a cura, mas, principalmente, a prevenção de doenças e a promoção da saúde.

Pensando na relação entre pintura e Saúde Coletiva, acredita-se que aquela pode propiciar reflexões sobre esta, instigando aprendizados e reflexões. Assim, o objetivo da apresentação desta pintura foi expressar como as quatro bases da Integralidade, princípio doutrinário do Sistema Único de Saúde (SUS), podem ser percebidas em situações vivenciadas no campo da saúde, no contexto europeu do século XIV, ainda que a criação desse sistema só ocorresse séculos adiante, na realidade brasileira.

Apesar da distância temporal e geográfica, foram observados exemplos da aplicação dos quatro alicerces do princípio da Integralidade: prevenção da doença; promoção de saúde; tratamento; e reabilitação, no contexto da Peste Bubônica. Propositadamente, as cenas foram pintadas uma ao lado da outra, de modo a fomentar a percepção de sua relação dialógica. Na primeira cena, retrata-se a *Prevenção da Doença*, com a imagem de médicos que atuavam por ocasião da Peste, os quais eram funcionários públicos contratados pelas cidades para não só tratar os enfermos, mas também para contabilizar o número de mortos e notificar sobre os focos da doença. Com a coleta de dados e décadas de observação, constataram a relação entre os cadáveres contaminados espalhados pelas ruas e a disseminação da referida doença. Diante disso, na prevenção, ocorreram não só novas políticas de saneamento, mas novas políticas de sepultamento como representado na primeira parte da pintura.

A segunda cena visa ilustrar como, durante o contexto da teoria miasmática¹¹, uma das formas de *Promoção da Saúde* seria utilizar plantas aromáticas e acender fogueiras para purificar os ares. Além disso, para promover saúde foram indicados novos hábitos de higiene, como lavar as mãos, visto que observaram, tomando como referência os bairros dos judeus, um povo com hábitos de higiene bem presentes, ocorriam menos casos de doença quando comparados aos demais bairros. Então, lavar as mãos, o dorso e o rosto passaram a ser hábitos recomendados.

¹¹ Consiste em teoria que visa explicar o que é a doença, argumentando que sua transmissão se dá por odores, gases, substâncias desconhecidas que são difundidas pelo ar.

Na terceira cena, que simboliza o *Tratamento*, retrata como o processo de cura consistia no fornecimento de misturas protetoras, constituídas por remédios e orações. Já no fim do quadro, na última cena, a *Reabilitação* é retratada pela presença do suporte religioso, além do retorno ao convívio familiar, já que muitos doentes eram mantidos em isolamento. Portanto, percebe-se como a reabilitação abrangia o emocional, abraçando a fé e os laços sociais, o físico e o ambiental a partir do restabelecimento do convívio social.

Refletir sobre a Integralidade, a partir da pintura de cenas que permeavam o contexto da Peste Bubônica, no século XIV, mostra o quão importante é a valorização histórica da construção do que é saúde e do que é doença, e como se tem a aprender com essa conformação histórico-sociocultural do processo saúde-doença, que, na realidade, trata-se da própria história da vida humana.

VISITA DOMICILIAR

*Vitória Evelyn Rodrigues de Andrade*¹²



Foto: Vitória Evelyn Rodrigues de Andrade

Andei, andei, andei...
Eis que chega o instante de ver o mundo
E nas andanças da vida refazer um lugar
Ando porque tenho pés de sonhos
Sou andante por falar.

Sempre carrego a questão na língua
Como se um dia a resposta viesse aterrissar
Mas não sei, sou falante porque andou ou sou andante por falar?

É como querer saber: foi o ovo ou a galinha?
Foi sua língua ou a minha?
Nessa história de primeiro
Vi o verbo deslizar.

¹² Psicóloga pela Universidade Potiguar (UnP). Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica/Saúde da Família e Comunidade da Prefeitura Municipal de Mossoró/RN e da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: vitória_evelyn1999@hotmail.com

APRENDER PARA ENSINAR

Elane da Silva Barbosa

Era um final de tarde, de uma quarta-feira, por volta das 16:00 horas. O sol já estava preparando-se para se pôr. Naquele dia, tínhamos, eu e outras profissionais de saúde (uma colega enfermeira e uma agente comunitária de saúde - ACS), uma tarefa muito importante: realizar uma atividade coletiva de educação em saúde sobre prevenção à hipertensão arterial e ao diabetes. Seria num cenário diferente: ao ar livre, mais especificamente na calçada, em frente à casa de uma das moradoras mais antigas e mais queridas do bairro, a dona Maria. Tudo taticamente pensado: o local, o horário, a estratégia metodológica. Tudo para ficarmos mais próximos dos comunitários daquele bairro.

Quando chegamos ao local, dona Maria e alguns vizinhos já nos esperavam, sentados em cadeiras, de madeira e de balanço. Como ainda havia alguns assentos vazios, esperamos mais alguns minutos. Como viram a nossa presença, mais pessoas se aproximaram. Ocuparam os lugares vazios. Alguns inclusive ficaram de pé.

De início, fizemos uma breve apresentação, dizendo o nosso nome, nossa profissão e o objetivo daquela atividade e começamos a perguntar o que entendiam sobre hipertensão arterial, a famosa pressão alta, e diabetes, o conhecido “açúcar no sangue”. Então, surgiram muitas perguntas. Algumas colocações. E compartilhamento de experiências de como aquelas pessoas procuravam cuidar de si para tratar ou prevenir essas doenças.

Naquele momento, embora já tenham transcorridos alguns anos desde essa experiência, lembro-me que estava sentindo-me uma grande educadora popular em saúde. Talvez, a melhor de todas! Afinal, estava junto com colegas, na comunidade, fazendo uma ação de educação em saúde, teoricamente, dialógica, levando em conta os saberes da população, utilizando termos populares, na calçada da casa de dona Maria. No entanto, outro personagem que estava também ali já, já me faria refletir melhor sobre tudo isso.

Senhor Luiz, 50 e poucos anos, aposentado, introvertido. Falava pouco. Já nos conhecíamos das suas idas ao posto de saúde. Naquele que considerava um dos momentos ápicos da nossa roda de conversa educativa, mesmo sem me dar conta,

abdiquei da dimensão pedagógica e popular da educação em saúde. Subi, então, no meu púlpito invisível, mas sempre presente, constituído dos saberes técnico-científicos enquanto profissional de saúde, que legitima meu discurso, e comecei a ditar o que deveria ser feito para evitar a hipertensão arterial e o diabetes mellitus. Parecia uma receita de bolo, ou um regulamento militar: evitar o excesso de sal dos alimentos; não consumir alimentos industrializados e processados; evitar o acréscimo de açúcar no preparo de comidas; não se preocupar excessivamente com as situações ou ter uma rotina estressante e, claro, praticar atividades físicas. Todos, como numa boa lógica de educação bancária, assistiam atentos à minha preleção técnico-científica, com olhos fixos e maneando a cabeça, em sinal de concordância, exceto uma pessoa. Sim, acertou quem disse que era o sr. Luiz. Ele me olhava sério, com um tom de incredulidade.

Quando terminei de falar, ele levantou rapidamente a mão e me questionou:

- Me diga só uma coisa, minha filha.
- Eu: pois não, pode dizer, seu Luiz.
- Você faz tudo isso aí que você mandou a gente fazer?

Naquela hora, fiquei sem palavras. Não sabia o que dizer. Aquela pergunta me atingiu em cheio. O silêncio falou mais alto. Minhas palavras ficaram vazias, porque não vinham acompanhadas de uma experiência concreta, no dia a dia. Assim, respondi ao seu Luiz, meio sem jeito:

- Não, seu Luiz. Eu não faço isso tudo. Muito complicado, né? Mas precisamos tentar...

Eu disse isso, acompanhado de um sorriso amarelo, que tentava disfarçar o meu constrangimento. Diante a minha resposta, seu Luiz apenas fez um gesto, como quem dissesse: com que moral você vem, aqui, nos dizer o que fazer, se você mesma não faz o que sabe que deve ser feito? Continuei tentando responder aos questionamentos que eram feitos, mas pensando o tanto que aquela, aparentemente simples, pergunta do seu Luiz, tinha me ensinado... Realmente, o senhor tem razão, seu Luiz: para ensinar, a priori, faz-se preciso aprender. Obrigada pelo ensinamento. Até hoje tento aprender...

FITO EM CORDEL¹³

Thiago Gurgel Regis¹⁴
Ana Carolina Alves de Oliveira¹⁴
Renata Paula de Sousa Azevedo Henriques¹⁴
Ana Luiza Cardoso Pereira Matoso¹⁴
Isaac de Moura Dantas¹⁴
João Lucas Filgueira Nogueira¹⁴
Liliany Mirelly Bezerra Alves¹⁴
Ronaldo Adão da Silva Filho¹⁴

Há muita planta no mundo
E disso não se duvida
E de cada verde disso tudo
Algo também se tira
Da raiz e da casca grossa
Da folha com água fervida
Temos o chá, uma bendita bebida.

Na sua dor de garganta, coriza e tosse
Aquele resfriado do brabo
Um chá pode ser seu amigo
Use a malvarisco para que dos sintomas você tenha alívio.
Para melhorar de estômago algo também se faz
Não é todo mundo que goste
Mas o boldo é um bom rapaz.

Dos conhecimentos de vida,
Aos saberes populares
As vovozinhas cuidam dos netos com muito amor
Ou vai me dizer que nunca tomou um lambedor?
Romã cortada, açúcar e água num fogão de boca ligada
Ajudarão bastante a obter uma garganta melhorada.

E em dias de estresse
Tenha calma e não se apresse
Se camomila há
Calminho você vai ficar.

¹³ O presente texto foi produzido como atividade avaliativa para o componente curricular *A Saúde Coletiva e a Medicina Preventiva*, ministrada no quarto período do curso de graduação em Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), pela Professora Mestra Andrea Taborda Ribas Cunha. Seu intuito foi tratar, sob a perspectiva da Educação Popular em Saúde (EPS), da fitoterapia, ou seja, a utilização de plantas com propriedades medicinais.

¹⁴ Acadêmicos do 4º período do curso de Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FACS/UERN). E-mail: thiagogurgel@alu.uern.br

A medicina não é só a cápsula e o comprimido
Isso os antigos já diziam:
O chá de marcela é incumbido
Na hora da ansiedade, pro estômago e pra dor
A fitoterapia, mais uma vez, mostra o seu valor.

Por isso, meus amigos,
Uma coisa fique clara
A medicina popular é para lá de arretada
Profissionais da saúde, não esqueçam,
O conhecimento do povo
é muito precioso
Oxente, não se esqueça disso, seu moço.

EPOPÉIA DO CÁ PRA LÁ

Erialdo Rebouças¹⁵

Hoje eu resolvi
Que ia sair de casa
E dar uma volta no centro da cidade
Botei a camisa e um pisante da hora
Meu Avon Fresh Acqua Marine,
Me mandei fui embora.
Cheguei na parada, esperar o **busão**.
O tempo passando
O sol levantando
Vinha o **táxi de linha**
Ai dei com a mão Parou!
- Vixe tá lotado
- Que nada freguês
- Cabe mais um.
Aperta pra ali, aperta pra lá
E que apertado!
Busão não passou, eu vou.
Tem **cinto** pra três e nós já somos quatro
- O meu pode usar
Só vou até ali, nem vou botar
Mas não tem como eu afivelar.
Seguiu pela rua, dobrou na esquina
- **Farol** tá fechado omi
- Mas dá pra passar
- Preciso chegar logo no ponto
Me diz o **motorista**. Resolvi descer
Não continuar. Paguei!
- **Moto Táxi** amigo
Alguém gritou
- Sim, por favor
- Parou.
Botar o **capacete** sem cinta jugular?
- É rapidinho nem vai precisar
E nesse camim nem tem **azulzim**
Pra nos importunar
- Tô irregular
- Vamos lá.
Acho até que o piloto nem sabe
O que é **CNH**.
Passa pela direita
Dobra em linha transversal

¹⁵ Articulador da Política Nacional de Humanização (PNH) para a 2ª e 8ª Regiões de Saúde da Secretaria de Saúde Pública do Rio Grande do Norte (SESAP/RN). Sociólogo e historiador, cordelista, pirografista, e... amante da cultura popular. E-mail: erialdoreboucas@hotmail.com

Esbraveja com um
- Sai do mei animal
Farol amarelo
- Mais dá pra passar.
- Para aí, vou ficar
- Mais tem que pagar viu!
Paguei, de novo!
Seguiu, quando ouço Pah!
Num lance de vista
Volto a olhar
- Socorro, chama o **SAMU**
Moto caída, piloto sem vida
Uma grande batida,
A motorista em choque
Carro sem para-choques
Segui.
Calçada extensa
Cabeça tensa
Mais vou.
Muito movimento
Um **buzina**, irritado
Um **ciclista** empinado
Um **idoso** desatento
Carro de som barulhento
Camelô atirado
Três pares por dez
E dá nos seus pés.
Penso em atravessar
Tem motos
Tem carros
Um trailer de celular
Outro ali a gritar
Tem Chips da Tim, Oi, vivo e claro
Penso num atalho
Que seja mais perto
A Faixa de Pedestre
Tá longe demais
São dez passos a mais
Vou não!
Vou arriscar
Passar Calçada lotada
Comércio informal
Camisa, calção, água mineral
A fila na lotérica não tá normal
Já tô passando é mal
Só de pensar
Boleto vencendo
Tem que pagar.
Vou **atravessar**.

- Sai do mei abestado
- Olha pro lado
- Num escuta ou tá cego?
- Meu Deus!

Quase **atropelado**

Um motoqueiro enraivado

Só freou porque viu

O **poliça** civil

Na **viatura** passando

Saiu me xingando.

Essa foi por pouco

Eu já quase louco

Bate o arrependimento

E no pensamento

A rede armada

Eu tava deitado

É, mais agora

Tenho que voltar

E fico a pensar

Como posso ajudar

Pra isso melhorar?

Se o **Trânsito** tá ruim

Não pode ficar assim

Eu sei, eu posso, eu quero

Ah! estamos no **MAIO AMARELO**

Que tal cada um de nós ser um elo

Dessa grande corrente

Chamada **PREVENÇÃO**

Toda a sociedade, qualquer instituição

Pública ou privada, sem distinção

Dará a esse Projeto

Mais atenção, mais guarida

E nessas vindas e idas

Vivemos num fio, escapando por um triz

Só nos resta acreditar numa frase que diz

“JUNTOS SALVAMOS VIDA”.